

NO PÉ DE UMA ÁRVORE:
O ESTUDO DAS COSMOPERCEÇÕES AFRICANAS
EM MIA COUTO

AT THE FOOT OF A TREE:
THE STUDY OF AFRICAN COSMOPERCEPTIONS IN MIA
COUTO

LUIS CARLOS FERREIRA¹

1 Professor Adjunto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB, Ceará.

Resumo: O texto pretende analisar as árvores como elemento simbólico ligado às cosmopercepções africanas do sagrado: tradições, ancestralidade e tempo, presentes na obra *“A Varanda do Frangipani”*, de Mia Couto. A abordagem na literatura africana, revela que as representações físicas da natureza nos aproximam do universo cosmológico do passado e do presente. Na primeira parte, apresentamos a força vital das árvores e o poder das culturas africano-moçambicanas. Na segunda, analisamos as *cosmopercepções* africanas e o que nos ensinam *“as árvores”* na obra coutiana. Arriscamos dizer que, ao atravessarmos muros e mundos pela palavra e imaginação, com corpos e almas inteiros, nos africanizamos!

Palavras-chave: literatura africana, cosmopercepções, árvores, Mia Couto.

Abstract: The text intends to analyze the trees as a symbolic element linked to African cosmoperceptions of the sacred, traditions, ancestry and time, present in the work “A Varanda do Frangipani”, by Mia Couto. The approach in African literature reveals that the physical representations of nature bring us closer to the cosmological universe of the past and present. In the first part, we present the vital force of trees and the power of African-Mozambican cultures. In the second, we analyze African cosmoperceptions and what “the trees” teach us in Coutiana’s work. We dare to say that, when crossing walls and worlds through the word and imagination, with whole bodies and souls, we are Africanized!

Keywords: African literature, cosmoperceptions, trees, Mia Couto.

1. INTRODUÇÃO

“Tudo se passaria ali, na mesmíssima varanda, no embaixo da árvore onde eu estava enterrado. Olhei o frangipani e senti saudade antecedida dele. Eu e a árvore nos semelhávamos”.
(Mia Couto, 2007, p. 17)

Um célebre encontro com alguns símbolos das culturas africanas e o que representam no complexo cosmológico, nos permite compreender a diversidade de elementos materiais e imateriais que, em parte, constituem os princípios ligados ao sagrado, as tradições, a ancestralidade e ao tempo, enquanto temáticas transversais à cultura.

Nesse sentido, existe um significado contextual presente numa das representações materiais da natureza – as árvores – que, ao mesmo tempo, se distinguem dos seres humanos [vivos ou mortos] e se associam às categorias sociais de tempo e geração; atos ritualísticos e eventos sagrados; forças espirituais e valores das tradições culturais. No caso, nos ocupamos do diálogo sugerido com as árvores, símbolo das expressões culturais africanas, em especial, numa das obras de Mia Couto, *A Varanda do Frangipani*, que nos reserva conhecer parte dos princípios ligados às cos-

mopercepções da natureza física e cosmológica, na literatura africana.

Sendo assim, o propósito do texto é, então, analisar as árvores como elemento simbólico e contextualizado, ligado às heranças das culturas africanas, sobretudo, em relação às cosmopercepções indicadas nos princípios do sagrado, tradições, ancestralidade e ao tempo, presentes na obra “*A Varanda do Frangipani*”, de Mia Couto.

Antes, é preciso dizer que o poeta e romancista Mia Couto² tenta nos africanizar com suas obras em que a cultura moçambicana nas suas histórias, aparece entrecruzada pela oralidade de um tempo e marcadas por tradições nas experiências do povo, descolonizado, independente e se destaca pelo sonho de um futuro ainda muito recente no pós-independência (1975) e na assinatura do Acordo Geral de Paz (1992).

Como um escritor contemporâneo, reúne a combinação *espaço-tempo* em suas narrativas, quando, de um lado, materializa a história concreta do país e a herança deixada do pós-guerra e, de outro, transforma a territorialidade e a demarcação do tempo num encontro do universo divino e celestial nas *cosmopercepções* africanas, trazendo na linguagem do passado, presente e futuro, as riquezas encarnadas na identidade do povo africano-moçambicano. Assim, Teixeira

2 Considerado um dos escritores mais importantes de Moçambique, é o escritor moçambicano mais traduzido. Em muitas das suas obras, Mia Couto tenta recriar a língua portuguesa com uma influência moçambicana, utilizando o léxico de várias regiões do país e produzindo um novo modelo de narrativa africana. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Mia_Couto)

(2018) ao analisar a história, a literatura e a cultura em Mia Couto, diz que “apesar das distâncias e das barreiras acrescentadas com as experiências de futuro, o passado deve ser aquilo que é recebido pelo presente, enquanto que o futuro se torna sempre mais um lugar concretamente atualizado no presente vivido”. (TEIXEIRA, 2018, p. 41)

A expressão “*no pé de uma árvore*” adotada no texto, nos conduz a trabalhar com os aspectos tradicionais das culturas africanas em que a natureza física do ambiente se mistura aos saberes ancestrais, ligados ao tempo, na perspectiva dos velhos, anciãos e tudo que, analogamente, as árvores representam nesse complexo universo cosmológico do passado e do presente. É possível também refletir sobre os aspectos educacionais quando, “*no pé de uma árvore*” aprendemos com os saberes produzidos entre as diferentes culturas reveladas no conhecimento da palavra e do mundo, transmitidas ao longo da formação identitária dos povos africanos.

Nossa aproximação com o universo celestial e mítico é uma tentativa de ampliação das forças vitais que vão além da cosmovisão por entendermos que restringe a um único sentido do olhar, para avançarmos na direção das múltiplas relações vividas no corpo inteiro, ou seja, as cosmopercepções. Entendemos que somos envolvidos por poéticas invisíveis encontradas na palavra e mais ainda, na sensibilidade do que vivemos, pois a busca por “ouvir a voz da África

através das palavras escritas na sua literatura é poder nos alimentar com aquela ilusão de que nos retiramos do nosso próprio tempo para, assim, estabelecer contato com os que vivem no outro mundo”. (TEIXEIRA, op.cit, p. 36)

Quando nos referimos ao estudo das árvores como objeto de análise na literatura africana de Mia Couto, é inegável o encontro entre o símbolo ancestral da natureza – o arbusto do *frangipani* – e o desenrolar de um romance que, por si só, carrega elementos reveladores das cosmopercepções – o sagrado, as tradições, a ancestralidade e ao tempo – que nos ocupa a interpretar o tempo e sua história, como herança do pós-guerra, na produção do homem novo.

No romance, a árvore serve de berço espiritual que nos conecta às energias ligadas a vida humana e celestial, sobretudo, porque a fisiologia das árvores marcada por suas raízes, troncos, galhos, folhas, flores, seiva, dão mostras da força da natureza em sua complexidade e plenitude. No caso do *frangipani*, a árvore além de encorpada e frondosa, como melhor explicado adiante, produz flor do gênero específico da pluméria que muito lembra a flor-jasmim por seu formato e perfume.

Na perspectiva apresentada por Mia Couto, a árvore do *frangipani* tem significado expressivo na ocupação, simbolicamente, do espaço da frente [varanda] de uma fortaleza colonial e ainda, na narrativa, serve de conservação do tempo, na memória e na história

de um asilo. Sob o pé da árvore do *frangipani* fora enterrado o carpinteiro que será lembrado por não ter tido um funeral e enterro digno de sua tradição local e, a partir daí a chance de ser um herói nacional *re-morrendo* ou reencarnando no espírito de um vivente que irá protagonizar uma investigação sobre o assassinato a ser desvendado no desenrolar do romance policial.

Não por acaso, associamos à paisagem natural dos arbustos às imagens da escola africana que, na literatura e em outras áreas, apontam para o que há de recorrência das escolas de crianças, jovens e adultos em que “*no pé de uma árvore*” os velhos traduzem a sabedoria do tempo, reverência aos mais antigos e os conhecimentos transmitidos na oralidade, valores espirituais, experiências sagradas e ancestrais que fortalecem a identidade dos povos africanos locais.

2. A FORÇA VITAL DAS ÁRVORES E O PODER DAS CULTURAS

*“Ao menos a árvore, dizia ele, tem alma eterna: a própria terra. A gente toca o tronco e sente o sangue da terra circulando em nossas íntimas veias”.
(Mia Couto, 2007, p. 65)*

A tentativa de nacionalizar a África, reconhecendo seus valores e produções científicas, culturais e artísticas, a partir de um de seus importantes elementos sagrados – *as árvores* – fundamenta-se na essência reveladora das ancestralidades, espiritualidades, tradições e religiosidades. Alguns aspectos ligados ao tempo nas culturas africanas fazem parte das tradições orais e da sabedoria dos velhos e, quando combinados, dão sentido à natureza seja pela materialidade física e/ou cosmológica das árvores.

Nesse encontro de existência e resistência da natureza com o sagrado nas obras da literatura africana, especialmente, em Mia Couto, compreendemos de forma ampla, a força das culturas encarnadas na história e na identidade dos povos africanos. Parte das marcas deixadas nas raízes das culturas africanas se mantêm, sobretudo, na preservação das origens e das tradições culturais no berço sagrado da África, mesmo depois do processo brutal e da consequência

gerada na diáspora africana, com a dispersão forçada de negros para os diversos continentes.

Contudo, as árvores como símbolo associado às origens da cultura africana, resistência dos escravizados e ligação dos negros com o continente africano, nos remete ao reencontro com as raízes culturais, pela aproximação das lembranças do continente africano e suas influências nas forças sociais, culturais e espirituais do passado e do presente, fortalecidas nos ritos, nos valores e nos diferentes aprendizados.

As árvores passam por diversas simbologias entre os rituais e celebrações, como nos indica a antropóloga Mariza Peirano (1993) que reanalisou os estudos etnográficos de Vitor Turner³ sobre os povos das aldeias *Ndembu* e os significados e especificidades dadas as árvores *mudyi*, *mukula*, *chikoli*, *kata-wub-sang'u*, *mohotuhotu* e *muyombu* da região da Zâmbia, na África Central. Desse estudo, constatou-se a extração das folhas, cascas, seiva, frutos, raízes, associadas aos medicamentos, tratamentos e curas de doenças, de um lado; e de outro, as árvores como um altar sagrado para os ancestrais ligados aos rituais de iniciação e rituais de aflição.

Desse modo, a perspectiva interdisciplinar relacionada aos elementos fundamentais da natureza física e sagrada nos permite a interpretação sobre as

3 O referido autor, fez seu estudo sobre as árvores nas aldeias *Ndembu*, povo *Ndembu*, no distrito de *Mwinilunga*, na Zâmbia, na África Central, com referências às concepções clássicas de símbolos, rituais e ritos de passagem em Victor Turner, também antropólogo, britânico.

árvores, tanto no sentido de reuní-las de forma análoga aos seres humanos [vivos e mortos] como, ao mesmo tempo, nos chama muita atenção para os reflexos na literatura africana e em outras áreas do conhecimento. Apontamos, ainda, o diálogo entre os saberes da natureza, educação, cultura e diversas outras ciências, como: História, Antropologia, Sociologia, Filosofia, Ciências Naturais etc., nas tentativas de superação de modelos padronizados, lineares e adaptados aos currículos propostos [ou impostos] numa concepção eurocêntrica.

Como expressão da natureza visível, as árvores promovem a conexão entre a natureza viva e as nossas cosmopercepções africanas⁴ – ancestralidade, oralidade, tempo, corpo material e espiritual – ao se interligarem às afro-referências que nos *africanizam*, nas palavras do filósofo Eduardo Oliveira. Um retorno à África em que nossas percepções afro-referenciadas dão sentido ao cosmos, sobretudo, envolvendo os espaços, tempos e movimentos no/do mundo. Nesse sentido, “o pensamento sincrônico dos africanos constrói o universo, então, como uma “teia de aranha”, onde eventos objetivos e subjetivos estão interligados”. (OLIVEIRA, 2006, p. 20)

Dito isso, encontramos nas árvores algumas categorias afro-referenciadas: de *espaços*, a partir dos aspectos da territorialidade entre os lugares [e os não-

4 Em Machado e Petit (2018, p. 10), definem as cosmopercepções como “modos de perceber e sentir, pensar de corpo inteiro; em outras palavras: corpo e pensamento em ação”.

-lugares] físicos e ancestrais; da *natureza viva* no qual essas árvores estão inseridas e contextualizadas, assim como na combinação das histórias desses lugares e suas culturas. Podemos relacionar outras afro-referências ligadas ao *tempo*, que nos apontam os aspectos geracionais das tradições africanas que marcam o passado, resgatam as ancestralidades no cosmos e trazem as espiritualidades vividas entre àqueles/as que contam histórias e os que aprendem com essas histórias. Àqueles/as que são os *sabedores* e os *fazedores* de histórias de vida [e de lugar] que reúnem os valores dos mais velhos, sua sabedoria e experiências repassadas às gerações mais jovens.

Nas sociedades africanas, a herança do *tempo* conserva nos *griots*, um status social especial para desempenharem como trovadores, músicos, embaixadores, historiadores ou poetas, a transmissão das tradições e culturas da comunidade às gerações mais novas, dado o conhecimento, a mediação e a sabedoria dos grupos étnicos e comunidades. Vemos que os *griots* se constituem parte da história dos antepassados pela coragem e força, construídas na genealogia do tempo que segue carregado de sentimentos e valores culturais. (HAMPATÉ BÂ, 2010)

As concepções de homem e de mundo africano nos ensinam que o sagrado constitui a natureza divina das árvores e, mais do que a aparência, força bruta, real e concreta dos arbustos, encontramos nas raízes, troncos, nos galhos, folhagens como parte desse sa-

grado que repousa na materialidade da natureza. Algumas dessas raízes atravessam gerações e se misturam ao tempo, aos guardados na memória de lembranças não-contadas e experiências compartilhadas com as ancestralidades vividas na sociedade africana.

Na perspectiva das cosmopercepções africanas temos o deslocamento do olhar no qual o “sagrado, na verdade, permeia todos os espaços do universo africano. Ele impregna com sua força vital qualquer esfera da vida comunitária dos negros, tanto em África como nos outros continentes para onde tenham ido os negros da Diáspora”. (OLIVEIRA, 2006, p. 19)

Culturalmente, a conexão que o sagrado tem com a natureza e a ancestralidade acontece pela manifestação da energia vital presente nos corpos, principalmente, nos rituais coletivos em que acontecimentos iniciáticos e de morte, celebrações e mitificações integram o poder da natureza, das folhas, das árvores [específicas] em contextos espirituais e religiosos. Alguns arbustos assumem particularidades como símbolos dominantes de altar sagrado ou local ancestral, plantados e utilizados como elo de comunicação do cosmos pelo contato com o subterrâneo, superfície e alturas, ou seja, com diferentes *lócus* de aproximação com ritos e mitos – iniciação, fertilidade, circuncisão, nascimento, morte de animais, falecimento de recém-nascidos, adultos, idosos, doenças do corpo, entre tantos outros. (MIRANDA, 2009)

Nesse sentido, alguns povos e grupos étnicos africanos e da diáspora negra utilizam dessa natureza viva para produzir medicamentos, alimentos, bebidas/chás, além de aproveitarem suas cascas, folhas, raízes, cheiros, cores, flores, sons da natureza como benefícios às práticas culturais e artísticas, em determinados episódios restritos às comunidades e grupos sociais. Como se vê, o encontro com a espiritualidade nas religiões de matriz africana e afro-brasileiras, potencializam o sentido da relação vida e universo e carregam como referências do passado, a essência e os fundamentos da tradição africana.

No campo da religiosidade, os vínculos com as energias espirituais caminham na direção da busca pela felicidade interior, satisfação e equilíbrio individual e coletivo de seus membros. O encantamento associado à corporeidade e aos movimentos, somados com sons dos instrumentos, cadência dos ritmos, músicas, vibração e energia dos corpos, danças, incentivam o professar da fé nas divindades que representam a força vital personificada nos elementos da natureza (ar, água, terra, fogo, rios, cachoeiras, folhas, matas etc). em celebrações, ritos e mitos do tempo presente e do passado.

No caso da terra e dos aspectos da natureza – matas, árvores, folhas – simbolizados no cheiro, gosto, textura das folhas, plantio das sementes à colheita dos frutos e dos alimentos, revelam as tradições e práticas sagradas, a exemplo dos cultos religiosos nas

religiões de matriz africana e afro-brasileira – candomblé e umbanda – representados nas divindades reverenciadas pelos Orixás, encontramos a relação de *Oxossi*, caçador e rei das matas; *Ossaim*, na linha das florestas como divindade das plantas e folhas do verde da natureza; os *Caboclos*, na umbanda, cultuados como indígenas, originários da terra e donos-responsáveis pelo cultivo, árvores, caça, pesca e colheita.

Por tudo isso, são inúmeros valores culturais observados nas diferentes relações das árvores como parte das categorias biológicas e naturais associadas ao processo sagrado dos atos ritualísticos, eventos e celebrações, bem como na evocação das forças espirituais que formam um amplo complexo cosmológico.

Existem especificações de rituais nas quais as árvores – símbolos dominantes – são consideradas especiais por estarem inseridas em contextos geradores de muitos significados, como nos aponta Peirano (2005):

1) quando um espécime particular era escolhido como a primeira de uma série de árvores das quais, na primeira fase de um ritual de aflição, se retiravam folhas, pedaços de casca ou raízes [...]; 2) quando uma árvore específica era identificada com um ancestral no episódio central da última fase do rito [...]; e finalmente, 3) quando algumas árvores eram plantadas para os ancestrais como espécies de altares (*shrines*)". (PEIRANO, 2005, p. 17)

Podemos dizer que no processo de construção identitária do povo africano, as árvores aparecem em diferentes categorias e gêneros da literatura africana como também em diversos outros campos de estudos. Não por acaso, quando lembramos da educação escolar em determinadas regiões de África, sobretudo, rurais, é possível notar que as árvores – organismos vivos da natureza – fornecem a sombra importante e necessária para que muitas práticas pedagógicas sejam desenvolvidas entre as crianças, jovens, adultos e idosos. Não apenas isso, relacionamos ao tempo ligado à sabedoria e leveza, ajudam a extrair sensações, sentimentos e percepções no processo de ensino e aprendizagem.

3. AS COSMOPERCEPÇÕES AFRICANAS E O QUE NOS ENSINAM “AS ÁRVORES”, EM MIA COUTO

“Aqui é onde a terra se despe e o tempo se deita”.
(Mia Couto, 2007, p. 139)

As árvores têm seu passado construído antes de nascer e sua história pode ser contada de diferentes formas tanto pelos vivos e mortos, pois conserva o tempo ancestral e o espaço físico de começos e re-começos. Nela, as raízes que tocam o chão segredam

mistérios, ritos e tradições muito presentes nas culturas africanas, mas também guardam sonhos, tristezas e alegrias de muitas memórias e lembranças que ficaram no aparente chão batido da terra, onde não se pode entrar.

O estudo da presença das árvores na literatura africana na obra de Mia Couto, nos levou ao encontro com *“A varanda do Frangipani”*, um romance policial que reúne além de investigação, uma combinação de elementos da ancestralidade, espiritualidade e muito mistério em torno da investigação da morte do diretor de um asilo carregado de memórias e histórias.

No romance, tudo acontece na fortaleza de São Nicolau que, no pós-guerra, tornara-se um asilo de idosos e a árvore do frangipani, além de ocupar a varanda dessa mesma fortaleza colonial, serviu de berço espiritual para um dos mortos que teve contato com a vida humana e ancestral. O falecido Ermelindo Mucanga foi um carpinteiro que trabalhou na reconstrução da fortaleza colonial e fora enterrado aos pés da frangipaneira sem ter o funeral com as honras da tradição de seu povo, motivo no qual transformou-se num *xipoco*⁵ por não conseguir enterro digno com velório e descansar em paz.

Ao nos ocuparmos com a simbologia das árvores, especialmente nessa obra, vamos entender que os arbustos ligados aos personagens e suas histórias re-

5 Na obra, os xipocos são *“almas que vagueiam de paradeiro sem paradeiro”*. (Couto, 2007, p.10)

presentam “mais do que um elemento da paisagem, são um ser com vida que partilha o espaço e as emoções com as pessoas que habitavam um determinado lugar”, nas palavras de COSTA (2009, p. 10). Por esse motivo, o sentido de reconhecimento da importância do morto do romance como um herói nacional, se dá na condição dele “*remorrer*” ou encarnar num vivente, ou seja, num inspetor de polícia Izidine Naíta, designado para investigar anos mais tarde, as causas da morte do diretor do asilo.

Como um símbolo do tempo e elemento imortalizado na vitalidade daquela comunidade africana, muito do que já se passou por ali está guardado na memória e na lembrança do povo daquele lugar. No dizer de COUTO (2007, p. 11), aquela região da etnia Mucanga, “*já assistiu a muita história. Por aquele terraço escoaram escravos, marfins e panos*”. Suas raízes estão marcadas pela história do pós-guerra e encarnam na árvore do frangipani, um passado que “*começa antes do antigamente*” ou na expressão africana *Ntumbuluku*. Logo, as árvores acontecem antes de nascer e se materializam na força da natureza pela sombra dos arbustos, cheiro das pétalas e perfume das flores.

É bom dizer que o frangipani é conhecido pelo perfume de suas flores semelhante ao jasmim e por ser uma árvore frondosa com folhas que lembram as mangueiras, além de seus arbustos formarem galhos que podem chegar a oito metros de altura, mesmo

num período sem folhas e flores. A carga simbólica dada ao frangipani, no romance, muito nos inspira a interpretar as relações com o natural enquanto paisagem física e sobrenatural pela essência que habita na vontade de reconstrução do lugar.

Num contexto amplo, as árvores ilustram mais do que a força da natureza contada pela história local do território que ocupam, sobretudo, porque encontram diálogo em nossas *cosmopercepções* (OYEWYMÍ, 2018) da vida humana e ancestral, adotadas entre as culturas africanas. Relacionamos à frangipaneira, na perspectiva das cosmopercepções de homem e de mundo, pelo diálogo possível entre a mãe natureza e o berço espiritual dos vivos e dos mortos através da combinação dos diferentes e múltiplos sentidos, percepções, sensações e movimentos que vão muito além da visão, do corpo e do pensamento.

Na perspectiva das cosmopercepções africanas, a energia da natureza contida nas árvores aparece entrecruzada aos princípios que fundamentam e dão sentido às culturas – o sagrado, as tradições, a ancestralidade, ao tempo – e nos auxiliam no processo criativo e reinterpretativo das palavras nas literaturas africanas. Ao mesmo tempo, as árvores encarnam as concepções de homem e de mundo quando atravessam gerações e passam por toda a sociedade africana e mesmo seus descendentes da diáspora negra, como nos lembra Eduardo Oliveira (2006).

Assim, a essência das cosmopercepções consiste na compreensão do corpo por inteiro em suas dimensões individuais e coletivas, ou seja, encarnamos o visível e o invisível que caminham juntos na produção de sentidos e significados que vão muito além do físico e materializado, para um universo mais amplo: a natureza divina.

Nas palavras de OLIVEIRA (2006, p. 19), “o sagrado, na verdade, permeia todos os espaços do universo africano”. E dessa forma, alguns desses princípios associados às cosmopercepções africanas, na literatura, representam os diversos contextos de interação com as culturas, em relação aos mundos: natural, ligada ao homem físico/material e o divino, ligado ao sobrenatural/imaterial.

Na obra, é possível notar o elo entre o mundo material e celestial a que nos referimos, pelo desvendar da morte de Ermelindo Mucanga que teve seu corpo enterrado no pé da árvore do frangipani, considerada sagrada e sinônimo da memória eterna de uma história que começa antes de nascer. Embora não tivesse tido a cerimônia e o ritual de funeral presente na tradição, anos depois, foi dada ao morto o reconhecimento e transformação em herói nacional por seu trabalho em vida, a exemplo de sua ocupação no restauro da fortaleza dos portugueses poucos antes da independência.

Transcender a concepção de cosmovisão para a sensibilidade do corpo inteiro que interage com a ter-

ra e a genealogia da natureza – água, mar, ar, rios, fogo etc – , possibilita o fortalecimento desse elemento sagrado nas culturas africanas e abre caminhos para o sentido de recomeço, continuidade ou mesmo de finitude pela morte. Podemos atribuir a energia potencializadora das árvores sagradas àquelas que estão ligadas às tradições, aos cultos e, principalmente, ao equilíbrio do universo africano. Desse modo, destacamos que “[...] a ancestralidade permeia todos os seres que compõem esse universo. Se a ancestralidade é a expressão do sagrado, este sagrado manifesta-se através da força vital”. (OLIVEIRA, 2006, p. 19)

No decorrer da obra, o inspetor de polícia que diariamente tomava depoimento dos velhos do asilo, um a um, recebeu Domingos Mourão, um velho português também conhecido como Xidimingo. Esse homem conheceu Moçambique dizendo ter renascido naquele lugar e descreve um pouco dessa intrínseca relação estabelecida com a companhia da árvore do frangipani em sua própria história, especialmente, quando traz à lembrança da varanda e sua revivência embaixo da árvore. Assim, confessa em seu depoimento: *“Pois, senhor inspetor, eu sou essa árvore. Venho de uma tábua de outro mundo mas o meu chão é este, minhas raízes renasceram aqui. São estes pretos que todos os dias me semeiam”*. (COUTO, 2007, p. 46)

Pela etnia, o encontro do morto com a sua morte fora do aprisionamento físico da cova, vem narrada na obra da seguinte forma:

“Não foi só o devido funeral que me faltou. Os desleixos foram mais longe: como eu não tivesse outros bens me sepultaram com minha serra e marte. Não o deviam ter feito. Nunca se deixa em tumba nenhuns metais. Os ferros demoram mais a apodrecer que os ossos do falecido. E ainda pior: coisa que brilha é chamatriz da maldição. Com tais utensílios, me arrisco a ser um desses defuntos estragadores do mundo”. (COUTO, 2007, p. 14)

No entanto, a chance de ser um herói e ganhar dignidade com a condecoração, levantou a possibilidade de passar a ter um funeral digno ao “remorrer” ou voltar a falecer, deixando de “fantasmear” no corpo de alguém: o tal inspetor de polícia. Dito de outra forma, sair da prisão da cova para reocupar a prisão de um corpo vivo é uma das tônicas do romance policial que trava um importante desafio ao divagar por dois universos: vida (encarnação) e morte (reencarnação). Nesse sentido, os velhos do asilo serão interrogados e, na narrativa do morto vivo – Izidine Naita – serão muitas vozes dos anciãos do lugar que confessam que mataram o diretor do asilo. Cada um com uma história e de forma diferente, confundindo o inspetor e gerando o desafio de desvendar em sete dias – tempo de vida do carpinteiro encarnado no policial – o assassinato de uma única pessoa.

No caso, o romance recorre ao poder das tradições locais que contam a história do povo moçambicano de etnia mucanga, cuja identidade está marcada pela resistência da alma africana em manter viva a história e a memória dos sujeitos “guardiões” do asilo de São

Nicolau. OLIVEIRA (op cit, p. 75) diz que “quem conta a história do eu é sua tradição. A história do eu está vinculada à história de seus ancestrais. O eu faz parte de um todo e é importante justamente na medida em que compõe esse todo, e não o contrário”. Até aqui, reforçamos que o universo das cosmopercepções resulta da tessitura de uma rede de elementos que dá sentido ao arsenal simbólico e cultural que caracteriza a existência humana e espiritual.

Como a narrativa se passa num desses locais de conservação do tempo, da memória e da história guardada num asilo próximo a uma fortaleza, muitos significados para o legado espiritual, ancestral e valorativo do personagem carpinteiro enterrado no pé da árvore do frangipani serão revelados. Atribuímos, também, valor às tradições locais e histórias de um povo que para não ser extinto pelo tempo, reluta em fantasiar, confessar, atribuir a conta pra si, de um assassinato a ser desvendado pelo vivente e seu espírito encarnado.

Ainda na obra, a presença de um pangolim⁶ é tida como importante companhia para o vivente [Erme-lindo Mucanga] ser convencido de entrar no corpo de um espírito prestes a morrer. O acolhimento da terra seria a chance de ter dignidade na morte com o rito do funeral, conferido ao espírito encarnado no inspetor de política, sinônimo de ruptura do cordão umbi-

6 Único mamífero coberto por escamas, é uma espécie de um tamanduá africano que, além de ter a língua maior que o corpo, quando ameaçado se enrola num formato de bola. (<https://pt.wikipedia.org>)

lical com o mundo físico ou estado de xicuembo para descansar de modo glorificado. Isso, então, enche o vivente de fantasias como descreve a obra:

“Sonhei que me enterravam devidamente, como mandam nossas crenças. Eu falecia sentado, queixo na varanda dos joelhos. Descia à terra nessa posição, meu corpo assentava sobre areia que haviam retirado de um morro de muchém. Areia viva, povoada de andanças. Depois me deitavam terra com suavidade de quem veste um filho. Não usavam pás. Apenas serviço de mãos. Paravam quando a areia me chegava aos olhos. Então, esperavam à minha volta paus de acácias. Tudo em aptidão de ser flor. E para convocar a chuva me cobriam de terra molhada. Assim eu me aprendia: um vivo pisa o chão, um morto é pisado pelo chão”. (COUTO, 2007, p. 15)

Outro aspecto associado às cosmopercepções africanas que chegam na literatura de Mia Couto, em especial, no romance analisado e em tantos outros, é a presença e o respeito aos velhos, guardiões da memória e da identidade do povo, no caso, da etnia Mucanga. Nesse sentido, falar das raízes e dos “de antigamente” é percorrer todo o desenrolar da trama que passa por investigação, depoimentos, comportamentos, fantasias e realidades que falam dos velhos e, sobretudo, da oralidade presente no testemunho do tempo vivo na memória que serve para esculpir a alma africana. (HAMPATÉ BÂ, 2010).

De forma análoga, associamos as árvores robustas à sabedoria do tempo, à herança das tradições orais

e vivas deixadas pelos velhos e transmitidos às gerações mais jovens, os conhecimentos e sua história. A oralidade é o símbolo da memória e tradições nas culturas africanas, tidas como patrimônio e riqueza dos guardados que passam a ser desnudados no tempo de origem divina e das forças ocultas.

Assim, a aproximação da literatura africana à temática ligada as árvores, na perspectiva das cosmovisões africanas, nos revela um universo em que a sacralidade e as tradições orais reforçam os valores sagrados do tempo, das divindades, da espiritualidade e do próprio espaço do asilo de São Nicolau. A herança do tempo guardado em testemunhos da natureza com os testemunhos da memória viva deixadas por aqueles velhos do asilo São Nicolau, indicaram entre histórias e lendas, mitos e fatos, a preocupação em manter e preservar a identidade daquele povo da fortaleza, inclusive, falseando verdades sobre a morte do diretor.

Uma importante passagem pode ser explicada por Marta Gimo, uma enfermeira que trabalhava cuidando daqueles velhos até a data do crime e que também mantinha seus mistérios e enigmas sedutores para o inspetor de polícia, sempre de forma lúcida, a fim de proteger-se e proteger o lugar de seu próprio tempo. Encontramos no depoimento dado ao inspetor: *“O verdadeiro crime que está a ser cometido aqui é que estão a matar o antigamente...[...] Estão a matar as últimas raízes que poderão impedir que fiquemos como*

o senhor...[...] Gente sem história, gente que existe por imitação”. (COUTO, 2007, p. 57)

É inegável que o reconhecimento da história das culturas e das tradições africanas ligam-se à oralidade como parte da alma de um povo que existe e, ao mesmo tempo, resiste à transmissão de valores pela palavra, enquanto sinônimo da alma daqueles que contam a sua verdade ou parte do vivido que foi transformado em conhecimentos repassados aos discípulos. Notamos que os *griots*⁷ recebem um status social privilegiado como porta-vozes do tempo da tradição, da língua e que, necessariamente, não são os profundos conhecedores-tradicionistas, mas quem têm importante vocação – na música, na mediação às famílias, na contação de histórias ou poemas – em categorias levantadas por HAMPATÉ BÂ (2010).

Com isso, potencializamos nosso olhar pedagógico para a literatura africana que contempla estudos acerca das árvores como símbolo dominante e polisêmico em diversas obras, sem perder de vista a relação entre as culturas africanas e os processos educativos, tanto na perspectiva das cosmopercepções como nos valores humanos extraídos na herança do povo africano.

7 Em Hampatê-Bá (2010) chamamos de griot aqueles que são privilegiados como uma “espécie de trovadores ou menestréis que percorrem o país ou estão ligados a uma família”. (COUTO, 2007, p. 247)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Para combater pela verdade o escritor usa uma inverdade: a literatura. Mas é uma mentira que não mente”.
(Mia Couto em *Pensatempos, Caminho, 2005*)

Longe de ser inédita a tentativa de diálogo sobre questões ligadas à natureza em África, em especial, a relação das árvores, no contexto da literatura e das culturas africanas. Nesse caso, associamos o estudo às cosmopercepções africanas adotando alguns princípios que nos conectam a pensar o homem integral e integrado ao mundo físico e celestial. Por esse motivo, relacionamos a energia da natureza viva das árvores com o sagrado, as tradições, a ancestralidade e ao tempo, na perspectiva dos velhos, da memória, história e sabedoria.

A obra da literatura de Mia Couto selecionada foi *“A varanda do frangipani”* que nos permitiu maior compreensão dos princípios ligados aos elementos da natureza física e as representações simbólicas expressas entre as tradições, espiritualidade e a ancestralidade presente, especificamente, na preservação da fortaleza de São Nicolau pelo povo Macunga. Notamos que a experiência africana com a árvore do frangipani nos ensina como *africanizamos* nossos

corpos e nossas mentes a partir de múltiplas leituras do universo para além do concreto e muito além das práticas colonizadoras, eurocentradas que dão lugar às cosmopercepções ligadas ao homem e o mundo.

Adiantamos que, na perspectiva das cosmopercepções africanas, o universo carrega as heranças dedicadas ao (re)nascer de um *homem novo*, liberto do passado árduo e capaz de viver os valores pautados nas belezas da formação humana. Assim, extraímos da simbologia das árvores os elementos que nos ensinam acerca da sabedoria contida no tempo e nos possibilitam enxergar a essência contida na própria natureza da raiz, galhos, folhas, flores etc. como elementos de cultivo espiritual e ancestral nos espaços que habitamos.

O desafio posto “*no pé de uma árvore*” sinaliza para um universo em que, na sombra das árvores, sobretudo, as mais robustas, encontramos um amplo quintal análogo às riquezas do processo de ensino e aprendizagem. Dito de outra forma, o encontro com o conhecimento nos permite ir além do horizonte ou, quando da raiz despontam troncos, galhos, folhas, sem direção [muitos casos] e que florescem os cuidados e acompanhamento que merecem o plantio de uma árvore.

FREIRE (1987, p. 35) nos lembra que “a libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opres-

sores-oprimidos, que é a libertação de todos”. Desse modo, *a árvore do frangipani* representa a resistência de um povo duramente colonizado que, de um lado, pelo universo sagrado preserva sua história e memória dos velhos, moradores do asilo e, de outro, tem se libertado pela “leitura de mundo que precede a leitura da palavra”. (FREIRE, 1989)

A literatura africana nos possibilita refletir acerca das palavras, pensamentos e imaginação, com poder de atravessar muros e mundos, em que “o escritor é um ser que deve estar aberto a viajar por outras experiências, outras culturas, outras vidas”. (COUTO, 2005, p. 1). Ao mesmo tempo, significa transgredir a lógica do universo eurocêntrico por outro tempo, de paridade capaz de nos “*africanizar*” por inteiro, de corpo e alma.

Importa dizer que, a literatura nos permite superar a visão colonizadora das leituras eurocêntricas e centradas na perspectiva da branquitude, por outras que avancem na inclusão dos princípios presentes nas cosmopercepções sobre o universo cosmológico, mundo e, principalmente, questionadores da razão. Estamos diante de desafios em que “ainda muito há a fazer para se descolonizarem as mentes e as mentalidades que sofreram longo processo e descaracterização e subalternidade”. (SECCO, 2019, p. 7)

REFERÊNCIAS

- COSTA, Cátia Miriam. *A árvore convertida em palavra*. MULEMBA - Revista do Setor de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa da UFRJ, Vol.1, nº 1, Out 2009. ISSN 2176-381X. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba>. Acesso em: 09 nov. 2020.
- COUTO, Mia. *A varanda do Frangipani*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- COUTO, Mia. *Que África escreve o escritor africano?* Mia Couto em Pensatempos, Caminho, 2005. Intervenção na cerimónia de atribuição do Prémio Internacional dos 12 Melhores Romances de África, Cape Town, Julho de 2002. Disponível em: https://www.esquerda.net/media/soc_lit_africana.pdf. Acesso em: 20 fev. 2021.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1989.
- HAMPÁTÉ-BÂ, A. *A tradição viva*. Metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 2010.
- HAMPATÉ BÂ, Amadou. *A tradição viva*. In: KI-ZERBO, J. (org). *História Geral da África*. (V.1, Metodologia e Pré-História da África). Brasília: UNESCO, 2010. p.167-202.
- MACHADO, Adilbênia Freire; PETIT, Sandra Haydée. *Filosofia africana para afrorreferenciar o currículo e o Pertencimento*. Revista Exitus, Santarém/PA, Vol. 10, p. 01-31, e020079, 2020. ISSN 2237-9460. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus>. Acesso em: 11 jan. 2021.
- MIRANDA, Maria Geralda de. *O embondeiro e a mulemba: árvores e literatura*. MULEMBA - Revista do Setor de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa da UFRJ, Vol.1, nº 1, Out 2009. ISSN 2176-381X. Disponível em : <https://revistas.ufrj.br/index.php/mulemba>. Acesso em: 09 nov. 2020.

OLIVEIRA, Eduardo. *Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente*. Curitiba: Gráfica e Editora Popular, 2006.

OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. *Visualizando o corpo: teorias ocidentais e sujeitos africanos*. Tradução: Leonardo de Freitas Neto, UFRB. Revista do PPGCS, UFRB, Novos Olhares Sociais, Vol.1, nº2, 2018.

PEIRANO, Mariza G.S. *As árvores Ndembu: uma reanálise*. Anuário Antropológico/90. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

SECCO, Carmen Lucia Tindo Ribeiro. *O estudo das literaturas africanas no Brasil: perspectivas contemporâneas, novos desafios*. AbeÁfrica: Revista da Associação Brasileira de Estudos Africanos, v.01, n.01, p. 05 - 14, out.2018/março.2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/index.php/abeafrica>. Acesso em: 27 jan. 2021.

TEIXEIRA, Cristhiano Santos. *Mia Couto, o "arquiteto da prosa": história, literatura e cultura escrita moçambicana*. Revista Vernáculo, n.42, segundo semestre/2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo>. Acesso em: 14 de fev. 2021.

TURNER, Victor. *The Forest of Symbols: aspects of Ndembu Ritual*. Ithaca, Nova York, EUA: Cornell University Press, 1967.